



## VENEZUELA

# EUA reativam sanções contra Maduro

Governo de Joe Biden reage à inabilitação política da opositora María Corina Machado, revoga licença de mineradora e ameaça indústria petrolífera, caso regime de Maduro rejeite "mudança de rumo". Caracas denuncia "chantagem grosseira"

» RODRIGO CRAVEIRO

FEDERICO PARRA / AFP



María Corina: "Maduro não vai escolher o candidato do povo, porque o povo já escolheu seu candidato. (...) Não podem fazer eleições sem mim"

Quatro dias depois de o Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) da Venezuela confirmar a inelegibilidade da ex-deputada e líder opositora María Corina Machado, o governo dos Estados Unidos decidiu reativar sanções ao petróleo e ao gás venezuelanos, caso não ocorra uma "mudança de rumo" do regime de Nicolás Maduro. A vice-presidente da Venezuela, Delcy Rodríguez, afirmou que rejeita a "chantagem grosseira e indevida" dos Estados Unidos e anunciou uma retaliação à Casa Branca. "Se eles cometerem o erro de intensificar a agressão econômica contra a Venezuela, a pedido dos lacaios extremistas do país, os voos de repatriação de migrantes venezuelanos" — reativados em outubro após acordos políticos que levaram à flexibilização das sanções — "serão imediatamente revogados a partir de 13 de fevereiro."

De acordo com Matthew Miller, porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, o Escritório de Controle de Ativos Estrangeiros (Ofac), do Departamento do Tesouro, cancelou uma licença da Mineraren. A partir de agora, a mineradora estatal de extração de ouro da Venezuela somente poderá "liquidar" transações pendentes até 13 de fevereiro. "Há outra que vai expirar em abril, que pertence à indústria petrolífera. Na falta de uma mudança de rumo por parte do governo, permitiremos que essa licença geral expire e nossas sanções serão restabelecidas", avisou Miller.

María Corina mostrou uma posição desafiadora em relação ao regime venezuelano. "Nicolás Maduro não vai escolher o candidato do povo, porque o povo já escolheu seu candidato. Ponto final",

declarou. "Recebi o mandato de quase 3 milhões de venezuelanos, que exerceram a soberania popular em 22 de outubro", reforçou, ao citar os 92% de votos obtidos nas primárias da oposição. "Eu represento essa maior soberania popular. Não podem fazer eleições sem mim."

Antonio Ledezma, ex-prefeito de Caracas que foi perseguido e preso pelo regime de Maduro em 2015, integra o comando de campanha de María Corina Machado, na função de coordenador do Conselho Político Internacional.

Nos últimos meses, trabalhou ativamente na defesa da imposição de sanções ao Palácio de Miraflores. "São medidas tomadas, de forma autônoma, por distintas instituições e governos do mundo livre, como os Estados Unidos e a União Europeia. Os governos exigem que a Venezuela ponha fim à tragédia que provoca a imigração em massa, um dos problemas enfrentados pela comunidade internacional", lembrou ao **Correio**, por telefone, de Madri, onde está exilado. "A onda migratória não será interrompida

enquanto Maduro permanecer no poder. São 8 milhões de venezuelanos no exterior."

### Saída eleitoral

Ledezma entende que a Venezuela jamais será fornecedora de petróleo ou de gás se o atual regime persistir. "Outro problema é o vínculo de Maduro com o narcotráfico e com o terrorismo internacional, além das violações contra os direitos humanos. Por isso, vemos a aplicação de sanções

personalizadas", disse. O político recorda que Maduro comprometeu-se, no acordo firmado em Barbados, a facilitar uma saída eleitoral. "Temos visto que ele não honra esses compromissos, quando insiste em uma inabilitação absolutamente arbitrária e ilegítima para tratar de impedir a participação de María Corina nas eleições."

Professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela (UCV), José Vicente Carrasquero Aumaitre disse ao **Correio** que os Estados Unidos tomaram a atitude

### Eu acho...

Tiziana Fabi/AFP



"No acordo firmado em Barbados, Maduro se comprometeu a facilitar a libertação de presos políticos civis e militares. No entanto, o que tem se confirmado é o incremento à perseguição política, com atos de detenção de dirigentes vinculados a María Corina Machado."

Antonio Ledezma, ex-prefeito de Caracas e ex-prespo político, exilado em Miami desde 2017

que lhes correspondia. "A candidatura de María Corina era parte do acordo firmado entre governo e oposição, em Barbados. Segundo o pactuado, Caracas teria que levantar a inabilitação política de María Corina. As autoridades do regime não o fizeram. Por isso, o governo norte-americano começou a aplicar o mecanismo de sanções", afirmou. "Imagino que outros países garantistas do acordo também exercerão uma pressão muito forte sobre Maduro."

Aumaitre acusa o presidente da Assembleia Nacional da Venezuela, Jorge Rodríguez, de adotar uma postura "infantil" em relação à insistência na inelegibilidade de María Corina. "Maduro está muito mal nas pesquisas e perderia nas urnas para ela. Os venezuelanos incorporaram o desejo de mudança. As autoridades tentam tumultuar o ambiente. Rodríguez, agora, diz que convocará os candidatos para acordar um calendário eleitoral, um procedimento totalmente ilegal. A lei afirma que essa tarefa cabe ao Conselho Nacional Eleitoral."

## GUERRA ISRAEL-HAMAS

# Soldados disfarçados matam três em hospital

UGC/AFP

As imagens captadas pelas câmeras de segurança remontam às cenas de *Fauda*, a série israelense que fez sucesso na Netflix. Um comando do Exército israelense invadiu o Hospital Especializado Ibn Sina, em Jenin, na Cisjordânia ocupada, por volta das 5h30 de ontem (0h30 em Brasília). Disfarçados de médicos e de civis, os militares sacaram fuzis e percorreram os corredores com armas em punho até executarem três militantes de grupos extremistas palestinos.

Abeer Kilani, relações-públicas do hospital, contou ao **Correio** que recebeu um telefonema do supervisor e se dirigiu ao Ibn Sina às 6h30. "As forças especiais israelenses agrediram dois enfermeiros e funcionários da segurança, dentro do hospital. No terceiro andar, os soldados invadiram o quarto de um paciente que tinha sido atingido por estilhaços em um ataque israelense. Ele estava paralisado da cintura para baixo e precisava de acompanhante."

A relações-públicas disse que o paciente ferido estava acompanhado do irmão e de outra pessoa. "Os três dormiam. As forças especiais dispararam à queima-roupa contra a cabeça de cada um deles, com uso de um silenciador", relatou Kilani. "Quando cheguei, vi sangue por todo o quarto. Um dos soldados estava vestido como mulher e



Câmera de segurança mostra invasão ao hospital Ibn Sina, em Jenin

carregava um porta-bebês. Outro fingia se locomover com a ajuda de uma cadeira de rodas."

Em comunicado conjunto, as Forças de Defesa de Israel (IDF) e o serviço de segurança Shin Bet anunciaram que um dos mortos era Muhammad Jalamneh, 27 anos, líder de uma "célula terrorista" que mantinha contatos com integrantes do grupo extremista palestino Hamas e que teria ficado ferido ao preparar um carro-bomba. Segundo a nota, Jalamneh armou militantes e planejava um ataque nos moldes do massacre de 7 de outubro, quando o Hamas matou 1,2 mil pessoas no sul de Israel. O jornal *The Times of Israel* divulgou que

Jalamneh é porta-voz do Hamas no campo de refugiados de Jenin. Os outros alvos da operação foram os irmãos Muhammad e Basel Ghazawi. Basel seria membro do grupo fundamentalista Jihad Islâmica.

Professor de direito internacional público da Universidade de Exeter, no Reino Unido, Aurel Sari afirmou ao **Correio** que, pelo fato de a operação militar ter sido realizada na Cisjordânia, e não em Gaza, a lei da ocupação beligerante se aplicaria. "Em tese, medidas tomadas pelo poder ocupante estão sujeitas aos princípios da aplicação da lei. O ataque letal não é compatível com esses princípios. No entanto, os mortos seriam militantes

envolvidos em atrocidades cometidas pelo Hamas, em 7 de outubro, o que enquadraria a operação no contexto das hostilidades em curso entre o grupo extremista e Israel", explicou. "Os assassinatos não estariam sujeitos aos princípios de aplicação da lei, mas às regras que regem a condução das hostilidades, embora a operação tenha ocorrido na Cisjordânia."

De acordo com Sari, as regras aplicáveis à lei dos conflitos armados proíbem matar ou ferir um adversário recorrendo à "perfidia". "O assassinato pérfido envolve, por exemplo, fingir status de proteção vestindo-se como médico ou como paciente. A morte dos três palestinos por soldados disfarçados de médicos parece violar a proibição de recorrer à perfídia."

### Gaza

Israel acusou a UNRWA (Agência da ONU para os Refugiados Palestinos) de permitir que o Hamas use suas instalações na Faixa de Gaza para realizar "atividades militares". "A UNRWA é uma fachada para o Hamas. Foi comprometida de três maneiras: contratando terroristas em massa, deixando suas instalações serem usadas para atividades militares do Hamas e se apoiando no Hamas para a distribuição da ajuda", afirmou o porta-voz do governo, Eylon Levy. (RC)

IDF/AFP



### Exército inunda túneis do Hamas em Gaza

As Forças de Defesa de Israel (IDF) começaram a inundar túneis construídos pelo Hamas sob a Faixa de Gaza — parte da estratégia para neutralizar a infraestrutura do movimento extremista palestino. "Tudo está sendo feito de forma bem delicada e cuidadosa, com base em informações de inteligência. Procuramos fazer isso com muita cautela, para não causarmos danos a quem não se deve causar", afirmou ao **Correio** Rafael Rozenszajn, major e porta-voz das IDF. As unidades de engenharia do Exército israelense bombeiam água do Mar Mediterrâneo. Rozenszajn admitiu que líderes do Hamas se escondem nos túneis, enquanto civis palestinos imploram por ajuda. "Há centenas de quilômetros de túneis sob Gaza. Encontramos 800 entradas de túneis. Isso mostra o que o Hamas fazia com o dinheiro que entrava no território. Em vez de investir em escolas e mesquitas, construía um sistema subterrâneo que buscava garantir a segurança dos terroristas e o armazenamento de armas", acrescentou o militar. Ele explicou que há três tipos de túneis: feitos para atacar Israel, abertos como trincheiras para se locomover entre diferentes locais de Gaza e aqueles para estocar armas e esconder líderes. O maior deles tem 40m de profundidade e 4km de comprimento.